

ANÁLISE DA “ESCREVIVÊNCIA” NA LITERATURA NEGRA FRONTEIRIÇA DE ALICE LIMA E BENEDITO C. G. LIMA

Analysis of “Escrevivência” in black border literature of Alice Lima
and Benedito C. G. Lima

Análisis de la “Escrevivência” en la literatura negra de frontera Alice Lima
y Benedito C.G. Lima

Caroline Ferreira Brizon*
Lucilene Machado Garcia Arf**

*Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – carolinebrizon@hotmail.com

**Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – lucilene.arf@ufms.br

Recebido em 30/11/2023. Aceito para publicação em 12/06/2024
Versão online publicada em 22/12/2024 (<http://seer.ufrgs.br/paraonde>)

Resumo:

Este trabalho propõe uma análise do conceito de negritude (Césaire, 2012) e de escrevivência nos poemas “Negra” (2020), de Alice Lima, e “Quem disse que sou negro?” (2005), de Benedito C.G. Lima, poetas negros corumbaenses. O estudo qualitativo e interdisciplinar propõe um foco na literatura a partir do seu viés social (Candido, 2006), considerando autor, obra e aspecto social em que estão inseridos. A noção de identidade fluida também é utilizada no estudo, bem como a de Identidade Negra (Munanga, 1999). A análise apresentou a constatação de uma identidade negra por meio da escrita, a importância da literatura como forma de reconhecimento e afirmação de si e a retratação da fronteira Brasil-Bolívia como espaço em que se ressaltam os contrastes sociais e raciais.

Palavras-chave: Negritude. Escrevivência. Literatura de fronteira.

Abstract:

This work aims to analyze the concepts of ‘negritude’ (Césaire, 2012) and ‘escrevivência’ in the poems “Negra” (2020), by Alice Lima, and “Quem disse que sou negro?” (2005), by Benedito C.G. Lima, black poets from Corumbá. The qualitative and interdisciplinary research sees literature through its social aspect (Candido, 2006): author, text and society. The text also uses the concepts of fluid and black identity (Munanga, 1999). The results showed the development of a black identity in the text, the importance of literature in self-identification and the social and racial discriminations in Brasil-Bolivia border.

Keywords: Negritude. Writing. Border literature.

Resumen / Résumé:

Este trabajo propone un análisis del tema de la negritud (Césaire, 2012) y de la ‘escrevivência’ en los poemas “Negra” (2020), de Alice Lima, ¿y “Quem disse que sou negro?” (2005), de Benedito C.G. Lima, poetas negros, de Corumbá. El estudio cualitativo e interdisciplinar propone un enfoque de la literatura desde su sesgo social (Candido, 2006), considerando autor, obra y aspecto social en el que se insertan. El concepto de identidad fluida también se utiliza en el estudio, así como el de identidad negra (Munanga, 1999). El análisis presentó la verificación de una identidad negra a través de la escritura, la importancia de la literatura como forma de reconocimiento y autoafirmación y el retrato de la frontera entre Brasil y Bolivia como un espacio en el que destacan los contrastes sociales y raciales.

Palabras-clave: Negritud. Escribir. Literatura fronteriza.

1. O sujeito da escrita

Ao tratar sobre a literatura de mulheres negras, a linguista e escritora afro-brasileira Maria da Conceição Evaristo de Brito (2009, p.223) afirma que esses textos procuram ir além da estética ou da mera preocupação com aspectos formais, abrangendo as lutas, história e cultura desse grupo. Segundo ela, “toma-se o lugar da escrita como direito, assim como se toma o lugar da vida”. Essa frase retrata a posição do autor e autora negra como sujeitos de sua própria história e não como meros personagens representados pelo olhar de um outro.

A escrita deixa de ser somente um prazer, um ofício, mas é alçada ao lugar de direito, uma atividade que só pode ser realizada e – mais ainda, reconhecida – por muito esforço. Trata-se da produção intelectual e artística de uma esfera populacional que muito lutou para alcançar o reconhecimento e a liberdade de expressão por meio, inclusive, da literatura. Portanto, é tomando posse desse direito que se torna possível narrar e narrar-se, colocar-se como sujeito da escrita e apresentar, por fim, seu ponto de vista.

Este trabalho analisa a poesia de dois autores: Benedito Carlos Gonçalves de Lima e Alice Ferreira de Lima, cujo texto, entre outras temáticas, é voltado para questões identitárias da população negra. Os poemas selecionados foram os seguintes: “Quem disse que sou negro?”, poesia de Benedito retirada do livro “Ainda nascem flores” (2005), e “Negra”, obra de Alice que compõe o livro “Passa na praça que a arte te abraça III” (2020). Ambos são escritores negros e moradores da cidade de Corumbá, localizada no Mato Grosso do Sul, que faz fronteira com a Bolívia.

Alice Lima nasceu em Corumbá e participa do grupo de poetisas da cidade junto com Benedito. Ela escreve poesias desde os seus 14 anos de idade, tendo, em sua formação, concluído o Ensino Médio e alguns cursos básicos. Benedito foi professor, jornalista e é uma figura atuante no movimento literário da cidade. Ele é fundador da Academia Corumbaense de Letras, da Academia de Literatura e Estudos de Corumbá (ALEC) e do Movimento Negro de Corumbá e Ladário (cidade vizinha), além de estar envolvido em outras instituições a nível municipal e nacional. O poeta nasceu em São Paulo, mas radicou-se ainda jovem na cidade fronteira.

A pesquisa de cunho qualitativo e interdisciplinar realiza uma análise literária

a partir do viés social da literatura, estabelecendo e reconhecendo relações entre esta e a sociedade (Candido, 2006). Desse modo, a preocupação não se centra em aspectos formais da escrita somente, mas em como os elementos sociais dialogam com a produção artística e em sua importância para a leitura e interpretação textual. Ademais, o estudo tem como base o conceito de negritude, proposto pelo poeta martinicano Aimé Césaire, e de escrevivência, cunhado pela escritora brasileira Conceição Evaristo. A escrita foi entendida não como isenta, neutra e vazia, mas como repleta da subjetividade do autor, como constata Conceição Evaristo:

Quando me debruço para construir uma ficção, uma narrativa ou um poema, um texto ensaístico, não me desvencilho da minha condição de cidadã, negra, brasileira, viúva, mãe de Ainá... Toda a minha subjetividade é a subjetividade da escritora. (Duarte, 2020, p.41).

O questionamento que desencadeou a pesquisa foi o seguinte: como a escrita desses dois poetas dialoga com os conceitos de negritude e escrevivência? Buscou-se estudar as poesias à luz de tais conceitos, estabelecendo diálogos entre as obras e o cenário da cidade fronteira, marcado por desigualdades. A análise mostrou a constatação de uma identidade negra que se dá pela escrita, a relevância do fazer literário como um modo de reconhecimento e afirmação de si e a representação da fronteira, nesse caso Brasil-Bolívia, como um espaço de contrastes que se revelam, inclusive, por meio da literatura.

Vale ressaltar, ainda, a relevância do estudo em um cenário em que há uma escassa produção científica com relação ao racismo e ao fazer literário de autoria negra. Nesse sentido, essa pesquisa busca contribuir e estimular o aprofundamento nessa seara, valorizando e promovendo o trabalho de escritores negros regionais.

2. A questão da identidade

A identidade não é fixa, mas fragmentada ou descolada, provisória e variável, tal como o sujeito pós-moderno descrito por Stuart Hall (2006, p.13). Segundo Bauman (2005, p.17), na Modernidade Líquida, ela seria composta por uma estrutura negociável e revogável. Trata-se de reconhecer que a identidade é um conceito que não pode ser pensado longe das situações a que um indivíduo está sujeito e que pessoas assumem diferentes papéis em diversas situações sociais. Ela é, então, uma “identificação em curso”, como sustenta Boaventura (1993, p.31).

Cabe, então, para esta pesquisa, abordar essa questão identitária na literatura

feita por escritores negros. Para isso, ressalta-se o pensamento de Munanga (1999, p. 15) para quem o Brasil é um país que desenvolveu o desejo de branqueamento, ideia que foi introjetada em muitos cidadãos e que pode levá-los a não se considerarem como negros. Segundo o pensador, a procura por uma identidade nacional brasileira, no século XIX, lançou mão de ideias eugenistas a fim de alcançar o ideal de superioridade: o embranquecimento da sociedade. Esse ideal de branqueamento está presente, mesmo que inconscientemente, na mente dos brasileiros e é ofuscado pela falsa ideia de uma “democracia racial”. Há, em muitos casos, o pensamento enraizado de que o Brasil é um país formado por misturas étnicas, herança da colonização, e que, portanto, não haveria racismo. Porém, para o autor, é a cor da pele e não a origem que marca o racismo brasileiro (Munanga, 1999, p.80-121).

Em uma pesquisa feita em uma favela carioca, Sheriff constatou que a palavra “negro”, por vezes, foi associada a situações como a escravidão e era considerada ofensiva por grande parte dos entrevistados (Rezende; Maggie, 2001, p.217-222). A antropóloga relata que o vocábulo teve um uso na história do país não somente “descritivo” ou “taxonômico”. A coroa portuguesa, por exemplo, tentou limitar a utilização do termo, que servia para se referir a não-brancos com “status servil” com fins de humilhação. Vale ressaltar, entretanto, que atualmente a palavra passa por um movimento de ressignificação que visa a um empoderamento e desnaturalização do estigma.

A identidade negra, para Gomes (2002, p. 39), envolve a construção de um olhar sobre si “a partir da relação com o outro”, além de fatores históricos, sociais e culturais. Munanga (2012, p.10-11) pontua que o processo de construção da identidade coletiva negra passa pelo resgate da história e autenticidade. Além disso, outros elementos constitutivos são a cultura, a língua e o fator psicológico. Desse modo, essa construção identitária abrange, entre outros fatores, o pensar a si mesmo a partir da sua história, do processo colonizatório, da escravidão, da ideia de embranquecimento, da cultura que foi negada, da sua posição social.

3. A fronteira e os contrastes

Este trabalho tem como foco dois escritores que habitam a cidade de Corumbá, no Mato Grosso do Sul, a qual possui, como peculiaridade, o fato de

fazer fronteira com a Bolívia (Silva, 2013, p. 2). Trata-se de um município que fica mais próximo a uma cidade estrangeira, Puerto Quijarro, que às brasileiras e está localizado a 426 km do centro regional (a capital Campo Grande). Além disso, movimentos migratórios auxiliaram para que a cidade se tornasse “multicultural”, tendo influência de povos árabes, portugueses, bolivianos, paraguaios etc. (Garcia, 2016, p.172).

De igual modo, Puerto Suárez e Puerto Quijarro, próximos ao Brasil, também estão distantes (cerca de 650 Km) do centro regional: a cidade de Santa Cruz de La Sierra. Tal cenário, segundo Ferraro Jr. (2020, p.119-126), estimulou uma dependência, por parte dos municípios bolivianos, dos “serviços, recursos e equipamentos públicos” brasileiros. A desigualdade e assimetria na fronteira, de acordo com o autor, são apresentadas em dois aspectos principais: a educação, dado que há um grande fluxo de alunos bolivianos em Corumbá, o que ocorre pela assimetria de infraestrutura e recursos; e a saúde, visto que há uma grande procura pela rede brasileira e muitas bolivianas, por exemplo, buscam dar à luz nesses hospitais a fim de ter acesso a direitos e programas assistenciais do país.

Nesse cenário, há relações baseadas em estigmas que são representadas no bullying contra crianças bolivianas nas escolas (Ferraro Jr., 2020, p.123) e até na visão preconceituosa com relação à cultura desse grupo. Costa (2025, p.42) ressalta que os bolivianos são, em muitos casos, vistos como atrasados, pobres, sem higiene e moradores de uma “terra sem lei”. Além disso, são representados nas categorias identitárias de ‘chocos’, ‘collas’ ou ‘índios’ e ‘bugres’, tendo sua cultura, hábitos e até a estética estigmatizada.

Essa desigualdade ainda é percebida no que tange as pessoas negras. Em 1888, no período após a abolição da escravidão, a população liberta ocupou locais desprezados de Corumbá, o que provocou uma “segregação espacial e racial”. Esses espaços eram tratados como perigosos e de precárias condições médico-sanitárias (Silva; Tedeschi, 2022, p. 286-287). Um exemplo é o antigo bairro Sarobá, descrito no prefácio do livro do poeta corumbaense Lobivar Matos.

(...) é a denominação que recebe o bairro de negros de Corumbá. Lugar sujo, onde os brancos raramente penetram e assim mesmo, quando o fazem, se sentem repugnados com a miséria e a pobreza daquela gente. Sentem repugnância e nada mais, porque os infelizes continuam a vegetar em completo abandono, como se não fossem criaturas humanas. Só se lembram de Sarobá quando são necessários os serviços de um negrinho. Fora daí a Favela em ponto menor é o templo eterno da miséria, a mancha

negra bulindo na cidade mais branca do mundo (...) (Matos, 2008, p. 109-110).

Cabe ressaltar o contraste que o autor estabelece entre a alcunha de Corumbá (“Cidade Branca”) e a “mancha negra”, como um aspecto indesejado, desprezado. Na poesia “Sarobá”, que dá nome ao livro publicado pela primeira vez em 1936, o poeta ainda faz uma descrição do espaço como marcado por “negrinhos correndo doidos dentro do mato, / chorando de fome”, “negra tuberculosa escarrando sangue”, “mulatas sapateando, parindo sombras magras”, “negros beijando, / negros apalpando carnes rijas”, “vozes roucas gritando sambas malucos”, “chifrim, bagunça” (Matos, 2008, p.111-112). Em suma, segundo a ótica do eu poético, trata-se de um espaço em que predomina a fome, abandono, doenças, festividades, promiscuidade, samba e confusão.

Um paralelo pode ser estabelecido com a situação mais atual das comunidades quilombolas, compostas principalmente por pessoas com ancestralidade negra, no Mato Grosso do Sul, que são alvo de práticas discriminatórias e vistas como locais precários. Em uma pesquisa realizada nessas comunidades, notou-se uma estigmatização, precariedade material e isolamento que são, em grande parte, causados pelo racismo (Arruda, 2020, p. 341).

4. “Nós somos daqueles que se recusam a esquecer”: Negritude e escrevivência

A frase que inicia este capítulo foi retirada de “Discurso sobre a Negritude”, obra escrita por Aimé Césaire, em que ele aprofunda sua explicação do termo Negritude. Este é um dos dois conceitos que nortearam esta pesquisa, o qual foi usado pela primeira vez pelo poeta negro martinicano Césaire. O segundo, ‘escrevivência’, é de autoria da poetisa negra brasileira Conceição Evaristo. Vale ressaltar que ambos trabalham a ideia de identidade, afirmação de si e a importância da literatura nesse processo.

A Negritude

O movimento da Negritude surgiu em Paris, por volta de 1934, mas só foi batizado com este nome em 1939 (Bernd, 1998, p. 17). A palavra apareceu pela primeira vez na língua francesa quando foi cunhada pelo poeta martinicano Aimé

Césaire (1913-2008), em sua obra “Cahier d’un retour au pays natal” (1939), em português “Diário de um retorno ao país natal”.

dia
minha negritude não é uma pedra, sua surdez lançada contra o clamor do
minha negritude não é uma mancha de água morta sobre o olho morto da
terra; minha negritude não é uma torre
nem uma catedral (Césaire, 2010, p.65).

O termo ‘nègre’, em francês, é pejorativo e usado para ofender a pessoa negra. Zilá Bernd (p.17, 1998) ressalta que é importante lembrar desse detalhe, pois a tradução perde o seu contexto, dado que a ideia de o usar envolve justamente uma vontade de reverter-lhe o sentido.

De acordo com a pesquisadora Ligia Ferreira (2006, p.6), na obra de Césaire, a palavra Negritude apresenta três sentidos: o povo negro, o sentimento ou a vivência íntima do negro, a revolta e a consternação. Trata-se de um movimento que buscou recuperar as raízes, reafirmar a posição e o orgulho de ser negro em uma sociedade que ainda carregava as marcas de um sistema escravocrata e de promover um sentimento de solidariedade às pessoas desse grupo.

Munanga (2019, p.65) pontua o fato de Césaire apontar a negritude como “o reconhecimento do fato de ser negro, a aceitação de seu destino, de sua história, de sua cultura”, o que mais tarde resumirá em identidade, fidelidade e solidariedade. O orgulho em afirmar a sua condição de negro seria o de assumir de forma plena a sua própria identidade. A fidelidade trata da ligação com a herança e a solidariedade de uma conexão com as pessoas negras em diferentes locais do mundo, visando à preservação de uma identidade comum.

Zilá Bernd (1998, p.20) aponta dois sentidos para o termo negritude: o lato e o restrito. O primeiro caso, escrito com letra minúscula, envolve uma “tomada de consciência de uma situação de dominação e discriminação”, além da busca por uma “identidade negra”. O segundo, grafado com letra maiúscula, trata de um momento pontual em que foi revelado um movimento que “pretendia reverter o sentido da palavra negro”.

Segundo Munanga (2019, p.24-25), a negritude (lato sensu) e/ou identidade negra não surge meramente a partir da consciência da cor da pele, mas envolve

uma história comum, a herança de um povo como vítima de uma tentativa de desumanização e de negação de sua cultura. Trata-se de uma espécie de convite para que os herdeiros dessa história “se engajem no combate para reabilitar os valores de suas civilizações destruídas e de suas culturas negadas”.

No “Discurso sobre a Negritude”, Césaire (2010, p.110-113) afirma que o movimento começou com uma busca por um “aprofundamento” no passado e pelo “re-enraizamento” em uma “história, uma geografia e uma cultura”, além de ressaltar a questão da afirmação identitária. Segundo o poeta, ele foi a “busca de nossa identidade, afirmação do nosso direito à diferença, aviso dado a todos do reconhecimento desse direito e do respeito à nossa personalidade coletiva”.

É certo que a Negritude, como um movimento, recebeu diversas críticas que não cabem aqui pontuar, visto que o objetivo deste trabalho é destacar a noção que norteará a pesquisa. Porém, destaca-se que, de acordo com Bernd (1998, p.40), o movimento trouxe benefícios como a aceitação do ser negro, além do reconhecimento e da valorização de sua herança cultural. Para além disso, tem-se a desconstrução ideológica da supremacia racial branca, a quebra de uma representação negativa, o início da promoção de uma autoimagem positiva e a afirmação da necessidade de uma mudança da posição de observado (“objeto da História”) para a de observador (“sujeito da própria história”).

Por fim, pontua-se a fala de Césaire (2010, p.37) para quem a Negritude envolve um “posicionamento ético e moral global frente à racialização das relações humanas” e é oposta ao racismo, promovendo uma forma de “ser, de pensar, de atuar e de se conceber” em um mundo em que as raças são valoradas e hierarquizadas.

A escrevivência

O conceito de escrevivência foi cunhado por Maria da Conceição Evaristo de Brito, escritora negra que nasceu em Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais, em 1946. A ideia teria sido iniciada na dissertação de mestrado da autora, em 1995, e apresentada de forma mais robusta em 2015 em um seminário sobre mulheres e literatura (De Oliveira; De Camargo Sampaio; Silva, 2021, p. 172). Além de seu trabalho na escrita, ela é também pesquisadora em literatura comparada e foi

professora da rede pública de ensino. Em suas obras, a autora aborda a vivência da mulher negra e as desigualdades raciais que assolam a sociedade brasileira.

De acordo com Conceição Evaristo, o termo *escrevivência* foi fundado a partir da “figura da Mãe Preta”, aquela que, escravizada, contava histórias para fazer dormir as crianças da casa-grande. A ideia seria a de subverter essa imagem do passado de um corpo controlado pelo sistema escravocrata e dar voz às mulheres não só por meio da fala, mas também pela escrita a fim de acordar os da casa-grande de “seus sonos injustos”. Desse modo, essa *escrevivência* carrega a “experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada”, em que a autora se insere e afirma orgulhosamente sua origem e ancestralidade, conectando-se com os povos africanos (Duarte; Nunes, 2020, p.30).

O conceito envolve as experiências daquelas que conhecem uma dupla condição: a de ser mulher e negra em uma sociedade que procura inferiorizar esses grupos (Evaristo, 2020, p.223). Portanto, a busca seria por uma inserção no mundo por intermédio de histórias, vidas que muitas vezes são desconsideradas.

O autor aqui não é visto como um paciente (alguém de quem se fala), mas como agente, aquele que “assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão”, não se tratando de uma prática individualista, mas de uma que considera a coletividade (Duarte; Nunes, 2020, p. 35-38).

Os pesquisadores Marcelo de Jesus de Oliveira, Juliano Casimiro de Camargo Sampaio e Olívia Aparecida Silva (2021, p.190-192) concluem, após uma análise do vocábulo, que a *escrevivência* da autora seria marcada por quatro elementos: temas que envolvem a condição da mulher negra, o uso de personagens que promovem discussões sobre grupos marginalizados e interação com a identidade da autora, as marcas de oralidade e a “memória de si e dos outros”.

Vale ressaltar, ainda, a afirmação dos estudiosos de que Conceição Evaristo não busca restringir o uso do termo a mulheres negras de classes populares, mas é possível aplicá-lo ainda a outras mulheres e homens, africanos e descendentes.

5. Literatura: um sistema vivo

Os conceitos de *negritude* e *escrevivência* envolvem um trabalho literário em que o autor constrói a si mesmo no momento da escrita. Esse ato de escrever não

pode ser visto, portanto, como uma atitude neutra, isenta e nem o seu resultado como finalizado, sem brechas para discussão, para interpretações diversas.

A literatura, que possui uma função social, não é um produto acabado e estático, mas é um sistema vivo em que as obras se relacionam entre si e os leitores. O autor não é neutro ao elaborá-la e o público não é passivo ao lê-la (Candido, 2006, p. 83), ao contrário, ambos carregam uma bagagem cultural, histórica, social da qual não se podem separar ao ler ou produzir um texto.

Desse modo, texto e contexto se relacionam e se fundem, de forma que os fatores externos devem ser considerados na análise de uma obra e possuem tanta relevância em sua composição que podem ser tratados como internos (Candido, 2006, p. 12-13).

Além disso, essa criação literária, antes de ser somente individual, é coletiva, pois abrange, por exemplo, os leitores, a recepção e a cultura em que está inserida (Alves; Leão; Teixeira, 2018, p.14).

A negritude e a literatura

Em seu livro “Memórias da plantação”, Grada Kilomba (2019, p.27) apresenta os dois modos como a pessoa negra aparece na literatura: o de objeto (aquele sobre quem é falado, o “outro”) e o de sujeito (aquele que conta sua própria história). Assim, tem-se obras que retratam esse grupo e o usam como personagens, em muitos casos, reproduzindo estereótipos que estimulam e são baseados em uma visão racista. Por outro lado, há aquelas que o tem como seu autor e, portanto, carregam sua voz e vivências particulares.

Sobre o tema da literatura negra, Filho afirma que não aceita a definição mais associada à raça ou simplesmente à cor da pele do autor (nem à temática por ele utilizada), mas propõe uma definição baseada em um “eu enunciador que se quer negro” (conceito que se aplica, de fato, quase que somente à poesia). Além disso, ele discorda do uso da expressão negra ou afro-brasileira, alegando risco de preconceito velado e faz uma abordagem (semelhante à de Grada) da representação do negro na literatura brasileira, apontando dois posicionamentos: a condição negra como objeto (visão distanciada) e como sujeito (atitude compromissada) (Pereira, 2013, p.2).

A primeira remete a textos em que a personagem é negra ou descendente, ou

em que “aspectos ligados às vivências do negro na realidade histórico-cultural do Brasil se tornam assunto ou tema”. Nessas obras, estão presentes, em geral, “ideologias, atitudes e estereótipos da estética branca dominante”.

Apresentam ainda uma personagem com sua “consciência negra dilacerada”, dividida entre o mundo branco em que habita e o “mundo de sua ancestralidade e etnia” (Filho, 2004, p.161-169).

(...) predomina o estereótipo. O personagem negro ou mestiço de negros caracterizado como tal ganha presença ora como elemento perturbador do equilíbrio familiar ou social, ora como negro heroico, ora como negro humanizado, amante, força de trabalho produtivo, vítima sofrida de sua ascendência, elemento tranquilamente integrador da gente brasileira, em termos de manifestações (Filho, 2004, p.174).

Conceição Evaristo (2020, p. 28) reforça essa ideia ao dizer que, em muitos casos, esses personagens são retratados como “preguiçosos, adultos infantis, desorganizados em seus ambientes sociais e culturais, extremamente sexualizados com seus corpos infecundos, sujeitos incapazes de pensar ou viver sentimentos como o amor, o afeto”, além de terem suas culturas “exotizadas” ou “folclorizadas”.

Por outro lado, a visão compromissada remete a uma literatura marcada por um modo de ver e sentir o mundo a partir da ótica do sujeito negro e por uma linguagem que busca fazer um resgate histórico, além de procurar promover uma desconstrução do “mundo nomeado branco” (Bernd, 1988, p. 22). É no discurso da poesia que se desenvolve, nessa posição de sujeito, o conceito de negritude e a “tomada de consciência de ser negro”. Não se trata de algo, segundo Bernd (1988, p. 97), que é construído antes da elaboração poética, mas que é estabelecido nela e por meio dela.

De acordo com Filho (2004, p. 179), os poemas voltam-se para a temática negra e não há uma grande preocupação com a linguagem. Há, geralmente, o uso de versos livres com um discurso que lança mão de técnicas desenvolvidas a partir do modernismo. Porém, distingue-se por uma intenção ideológica clara, a defesa de uma posição de resistência, além da luta por afirmação e reconhecimento social.

Literatura e construção identitária

Há um movimento importante para a análise feita neste trabalho que é o da

saída da posição de leitor para a de protagonista. Esse tipo de literatura, em muitos casos, busca ir além do mero prazer estético, mas intende “oferecer aos membros de seu grupo a consciência mítica de que eles necessitam para fundar a sua identidade” (Bernd, 1998, p.54).

É no momento da literatura mesmo que autor e leitores se encontram e têm sua identidade construída a partir desse texto que não se propõe neutro, mas apresenta uma posição política clara. Esse cenário, apesar de ser uma conquista em termos históricos, também pode carregar um peso: o da representação.

Grada Kilomba (2019, p.174-175) apresenta ainda em seu livro o exemplo de Kathleen. Segundo a menina, se ela fosse a única negra da sala, deveria se destacar. A pesquisadora reforça o peso de representar a negritude, que denuncia o racismo, visto que a ela é negado o direito à subjetividade. Ela não pode ser simplesmente Kathleen, mas um “corpo”, uma “raça” e uma “história” e não só deve defender como representar seu grupo.

Bernd (1998, p.53) pontua que, por meio da Negritude, emergiu um discurso literário que manifesta o eu-que-se-quer-negro, buscando a expressão da “consciência social do negro”. Nesse sentido, Grada (2019) destaca a importância da escrita como um ato político.

Eu sou quem descreve a minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político. O poema ilustra o ato da escrita como um ato de tornar-se e, enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade na minha própria história (Grada, 2019, p. 28).

Considerando esses fatores, há que se reconhecer, segundo Filho (2004, p.186-187), a relação entre os “movimentos de afirmação do negro” e o exercício literário, o que se dá a partir de uma tomada de consciência da condição de um grupo. Por fim, pensar a literatura negra não envolve enquadrá-la em um “nicho discriminatório de uma literatura ‘negra’ ou ‘marrom’”, mas como lugar de “afirmação e singularização de identidades múltiplas e várias”.

No mais, destaca-se que este trabalho não pretende se contradizer ao ponto de afirmar a existência de uma unicidade identitária, nem quer determinar como e qual deve ser essa identidade. Além disso, não se busca enquadrar as obras que são o objeto de estudo dessa pesquisa como “literatura negra”, mas, a partir da ideia de uma função social da literatura, visa-se analisar as construções identitárias, bem

como seus pontos comuns, que se dão nas obras dos escritores aqui estudados.

6. Quem disse que somos pessoas negras?

Em sua poesia intitulada “Negra”, Alice Lima inicia com “Muitos perguntam: onde está, a beleza negra que trás (sic) a natureza?”. A poeta parece aqui partir de um questionamento externo, de não negros, que expõe uma marca do racismo: a negação da beleza negra. O consumismo fomenta esse pensamento na medida em que oferece produtos às mulheres negras para que se assemelhem às brancas, como aqueles voltados para o alisamento de cabelo e clareamento da pele.

Há uma ideia muitas vezes enraizada de que a mulher branca é o ponto de referência da beleza humana, o que implica o uso de perucas, redução do volume dos lábios e afinamento do nariz (Munanga, 2019, p. 91). Na literatura brasileira, em muitos casos, a mulher negra não é retratada como “musa ou heroína romântica”, mas é marcada pelas imagens de um passado escravo e reduzida a um “corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer” (Evaristo, 2020, p. 220).

Desse modo, no poema, é como se um outro questionasse: onde está a beleza do povo negro? Há implícita a ideia de que não há uma beleza negra, visto que seria inferior ao padrão branco. A que a autora retruca: “É descaso (...) que preenche a alma tão leve é tão alvejante.” Em outras palavras, afirma que a alma desse outro é marcada pelo descaso, pois não se incomoda e até estimula a discriminação, e é “leve”, dado que não se importa com o peso de suas palavras ou com a gravidade de suas ações.

Segundo o eu poético, o comportamento desse outro, bem como suas palavras, tem um poder “alvejante”, o que remete àquilo que possui um poder branqueador, branquejante. Munanga (2019, p. 46-47), ao fazer uma recuperação histórica, aponta que, no período colonizatório, o negro, vendo-se maltratado e inferiorizado pelo branco, busca uma saída no embranquecimento. De acordo com ele, o maior sonho da elite negra era parecer-se o máximo possível com o branco, o que pressupunha uma admiração do outro e uma recusa de si, uma vergonha e ódio de si mesmo.

De fato, em 1888, ao fim do sistema escravocrata, os pensadores brasileiros voltaram-se para uma questão: a construção de uma identidade nacional. A diversidade racial no país era, para a elite, um empecilho para uma “nação que se

pensava branca”.

Disso resultou uma busca por homogeneização, fundada na superioridade branca, que visava ao embranquecimento populacional tanto em termos de cor da pele como em de cultura (Munanga, 1999, p.52).

Pode-se concluir que o questionador no poema, assim como no passado brasileiro, mantém uma intenção clara: a de embranquecer, o que representa uma negação das origens, cultura e tradição do povo negro e leva a uma inferiorização desse grupo, inclusive no aspecto estético.

Após essa constatação, o eu poético prossegue sua argumentação, dizendo “Transparente, assume no corpo a cor da pele, trazendo a / leveza da simples forma humana, que tão diferente é igual se faz. / Moldada e criada por um só criador”. Em seu livro “Memórias da plantação”, Grada (2019, p.166) retrata o episódio de uma menina a quem é ensinado que os indivíduos são discriminados por serem diferentes, mas a autora retruca que “as pessoas se tornam diferentes através do processo de discriminação”.

O pensamento defendido tanto por Grada quanto por Lima é de que esse tratamento é fruto não de uma diferença natural, mas da própria discriminação criada socialmente. De acordo com a poeta, a pele humana é transparente, mas assume no corpo a cor, ou seja, trata-se apenas de uma questão biológica. Apesar de diferentes fisicamente, as pessoas são iguais (não inferiores, nem superiores), pois têm o mesmo criador.

A autora ainda questiona o seguinte: “Porque (sic) então descaso?” e responde prontamente que a alma tomada por esse sentimento fica incomodada com a “força que vibra” e com a coragem mesmo diante do desprezo e do “preconceito”. Há aqui uma reversão da ideia colonizatória de inferioridade e embranquecimento que consiste no fato de o eu poético não recuar diante das ofensas e tentativas de “alveijamento”.

Ao contrário, a culpa é transferida ao outro, o acusador, que questiona – e, consequentemente, nega - a beleza negra, pois fica incomodado com a força e coragem de um povo que enfrentou a escravidão e até os dias de hoje luta para ser tratado como um igual na sociedade que carrega as marcas do passado.

Nos versos finais, a autora estabelece uma antítese: “A luz que invade a presença de espírito e incomoda o branco fosco”, isto é, a história, a beleza negra

resplandece como uma luz, trazendo desconforto ao branco que, por sua vez, não possui esse brilho, é fosco. É essa força e coragem que trazem a garantia final: “A beleza negra está e sempre estará em todo lugar.”, respondendo, novamente, ao questionamento inicial.

A poesia de Benedito C.G. Lima tem um tom irônico já em seus primeiros versos: “Quem disse que sou negro? / Pode crer se enganou!”. O autor começa apresentando um pensamento muitas vezes presentes na sociedade de que ele, brasileiro, não pode ser considerado negro. Essa pergunta levanta duas possibilidades: (1) o questionador quer supor que o eu poético não pode se considerar negro, pois não sofreu, por exemplo, a escravidão e (2) o questionador deseja reafirmar a ideia de que todos são um no Brasil, dado que os brasileiros são fruto de uma “mistura de raças”.

É certo que há no país a ideia do “mito da democracia racial”, segundo o qual a mistura das “três raças originárias” levou a sociedade a viver em estado de harmonia e igualdade. Trata-se da falsa ideia de que não há racismo e todos são tratados como iguais, o que esconde conflitos sociais e impede que grupos inferiorizados se conscientizem (Munanga, 1999, p.80).

Da primeira à última estrofe, após fazer o mesmo questionamento no primeiro verso, o eu poético apresenta exemplos de personalidades negras históricas (Machado de Assis, Cruz e Souza, Zumbi dos Palmares), elementos da cultura (batuque, saravá, vatapá, samba) e fatos históricos (“Negro é aquele irmão que veio da África”, “Negro é aquele que debaixo do açoite / Chorava baixinho nos porões fedidos dos navios”, “Negro é aquele que povoava as senzalas”, “Que faiscava ouro nas Minas Gerais”).

Zilá Bernd (1988, p.97) pontua ser o aspecto revolucionário do que caracteriza como “poesia negra” o fato de esse discurso se apresentar como o “lugar da criação do conceito de negritude e da tomada de consciência do ser negro”, o que implica dizer que tal conceito não é elaborado previamente, mas construído na e por meio da poesia. É apresentando tais aspectos, portanto, que o eu poético vai construindo a identidade coletiva de seu povo, o reconhecimento e a valorização da negritude.

É interessante notar que, ao mesmo tempo em que ironiza um discurso social que nega a herança cultural, histórica das pessoas negras, o autor dá força ao seu próprio discurso ao ilustrar, com exemplos, a relevância desse grupo na formação do

Brasil, apagando qualquer argumento de uma inferioridade.

O tom do poema muda na segunda metade da estrofe IV, quando o eu lírico, abandonando a ironia, convida: “Negro – desperta desse sonho febril / E assumo o seu lugar. Ponha atitude! / Mostre o valor da negritude / Quem disse que sou negro / Eu replico, sim, senhor, / Sou um Afrodescendente / Quero ser libertador!”.

“Sonho febril” é, em geral, um termo usado para se referir a um sonho vívido, o qual ocorre quando a temperatura do corpo está elevada. Desse modo, o objetivo de usar esse conceito parece ser o de mostrar que há aqueles que estão se deixando levar pelas ideias do embranquecimento e estão tomados de tal modo que se veem em um sonho profundo e tão real que não os permite enxergar a realidade. Ele, então, os convida a “acordar”, assumir sua herança e tomar o seu lugar na sociedade que foi e é negligenciado, reconhecendo e afirmando a sua negritude. Tal despertar requer uma afirmação identitária (“Quem disse que sou negro / Eu replico, sim, senhor, / Sou um Afrodescendente”) que não carrega somente uma análise da cor da pele, mas toda uma carga histórica de luta, de cultura, de tradições.

Ao final, o eu poético brada: “Quero ser libertador!”, frase que retrata um desejo que não abrange somente aquele que a pronuncia, dado que a vontade não somente é de libertar a si mesmo desse sonho febril, mas também a outros nessa mesma situação. Nota-se, portanto, uma poesia engajada que envolve uma coletividade e possui uma intenção política.

Relacionando as leituras

Nos dois poemas, a pessoa negra não ocupa a posição de objeto, mas a de sujeito que, em uma atitude compromissada, é o autor de sua própria narrativa (Pereira, 2013, p. 2). Isso implica dizer que, afastando-se do olhar discriminatório do outro e fugindo de estereótipos, o eu poético busca apresentar a sua perspectiva, seu modo de ver o mundo, sua negritude por intermédio da ‘escrivência’.

Ambos os textos são motivados por uma pergunta feita por um outro. Em um a questão é “onde está a beleza negra que trás (sic) a natureza?” e no outro “Quem disse que sou negro?”. Os dois são baseados em visões racistas que desejam impor um olhar externo à pessoa negra. O primeiro caso envolve um ataque estético em que se procura, por meio da imposição de um padrão branco, negar a existência de uma beleza negra e, no segundo, a história, cultura e tradição desse grupo a fim de

promover uma falsa ideia de harmonia social, ofuscando a existência de situações discriminatórias. Essas perguntas funcionam como motores a partir dos quais se desenvolverá a contra-argumentação do eu poético, que contradiz o pensamento “branco”.

Grada (2019, p.33) trata da “máscara do silenciamento”, um pedaço de metal inserido no interior da boca usado pelos senhores a fim de impedir que os escravos, ao trabalharem nas plantações, se alimentassem da cana-de-açúcar ou cacau. Ela ressalta, porém, que a função mais importante era impor um “senso de mudez e medo”.

Aplicando esse pensamento ao contexto da escrita, pode-se dizer que é pelo ato de escrever que é rompida essa máscara do silenciamento imposta pelo sistema colonizatório e a fala do sujeito negro é, enfim, ouvida não a partir de uma perspectiva externa, mas interna, como ocorre nos poemas. É pelo texto que o eu lírico reafirma sua negritude, questiona o racismo existente na sociedade e afirma a necessidade de se levantar, como um ato político, e lutar contra um sistema que inferioriza e discrimina.

Trata-se, ainda, do reconhecimento de uma identidade coletiva, em que se fala também em nome do grupo, não somente de si. Nesse processo de construção identitária, há o reconhecimento e valorização da beleza, da cultura e da história do povo negro, contradizendo qualquer ideia que reforce uma inferiorização por intermédio de uma valoração de si e de seu povo. Trata-se de um movimento similar ao descrito por Evaristo (2020) quando trata da ‘escrevivência’.

Essas escritoras buscam, na história mal contada pelas linhas oficiais, na literatura mutiladora da cultura e de dos corpos negros, assim como em outros discursos sociais, elementos para comporem as suas escritas. Debruçam-se sobre as tradições afro-brasileiras, relembam e bem relembam as histórias de dispersão que os mares contam, postam-se atentas diante da miséria e da riqueza que o cotidiano oferece, assim como escrevem às suas dores e alegrias íntimas (Evaristo, 2020, p. 224).

Esses poemas, ainda, retratam os contrastes de uma cidade fronteira, marcada por desigualdades sociais, sejam elas entre corumbaenses e bolivianos, sejam entre brancos e negros. É nessa mistura de povos, cores, culturas e hábitos que as diferenças se destacam e, ao invés do acolhimento, podem ser motivo para estigmatização. No caso deste trabalho, os autores destacam situações de

desvalorização, desprezo e inferiorização. Esse cenário pode ser posto em paralelo com os habitantes de Sarobá, descritos por Lobivar Matos como um povo tratado com descaso, displicência e discriminação.

7. Resignificando Sarobá

Se em Sarobá os habitantes são descritos por um olhar externo e tratados como vítimas da omissão e do racismo, nas poesias apresentadas neste trabalho os autores falam, a partir da posição de sujeitos, contra as desigualdades presentes na sociedade. Eles reconhecem a existência da negligência, da discriminação e dos discursos que visam inferiorizar a esfera populacional da qual fazem parte, mas, em seu texto, destacam a exaltação da pessoa negra, de seus costumes, cultura, história e beleza. Sai-se, assim, de uma posição de objeto - alvo de fala do outro e vítima social - para a de sujeito atuante e com voz na sociedade, apresentando, a partir de sua própria perspectiva, mazelas, conflitos e sentimentos pessoais.

É, portanto, construída uma identidade negra por meio da escrita, a qual é marcada pelo reconhecimento de si como parte desse grupo e como portador de toda a carga histórica e cultural que isso implica. Tal reconhecimento e afirmação de si são alcançados, nesse caso, por intermédio do texto literário, que se apresenta como espaço para a “libertação” da voz do poeta, historicamente cerceada. Por fim, ressalta-se o retrato da fronteira Brasil-Bolívia como um espaço marcado pela discriminação provocada por contrastes raciais.

8. Referências

ALVES, Paulo Cesar; LEÃO, Andréa Borges; TEIXEIRA, Ana Lúcia. Sociologia da Literatura: tradições e tendências contemporâneas. *Revista Brasileira de Sociologia - RBS*, [S. l.], v. 6, n. 12, p.222-241. Jan-Abr, 2018. Disponível em: <https://rbs.sbsociologia.com.br/index.php/rbs/article/view/360>. Acesso em: 12 mar. 2022.

ARRUDA, Dyego de Oliveira et al. Manifestações do racismo institucional e religioso em comunidades quilombolas no Mato Grosso do Sul. *Amazonica - Revista de Antropologia*, [S.l.], v. 12, n. 1, p. 331-360. Out. 2020. ISSN 2176-0675. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/8473>>. Acesso em: 13 jan. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v12i1.8473>.

ARRUDA, Dyego de Oliveira et al. Manifestações do racismo institucional e religioso em comunidades quilombolas no Mato Grosso do Sul. *Amazonica - Revista de Antropologia*, [S.l.], v. 12, n. 1, p. 331-360. Out. 2020. ISSN 2176-0675. Disponível

em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/8473>>. Acesso em: 17 jan. 2023. doi:<http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v12i1.8473>.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. J. Zahar: Rio de Janeiro, 2005.

BERND, Zilá. Introdução à literatura Negra. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1988.

BERND, Zilá. O que é negritude? São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1998.

CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2006.

CÉSAIRE, Aimé. Diário de um retorno ao país natal. Tradução, posfácio e notas Lilian Pestre de Almeida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

CÉSAIRE, Aimé; MOORE, Carlos (Org.). Discurso sobre a Negritude. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

COSTA, Gustavo Villela Lima da. Os bolivianos em Corumbá-MS: conflitos e relações de poder na fronteira. *Mana* [online]. 2015, v. 21, n. 01, pp. 35-63. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-93132015v21n1p035>. Acesso em: 07 jun. 2022.

DA VEIGA SILVA, V.; TEDESCHI, L. A. A (in) justiça colonial na cidade de Corumbá no início do século XX. *Revista Territórios e Fronteiras*, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 279–295, 2022. DOI: 10.22228/rt-f.v14i2.1102. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosefronteiras/index.php/v03n02/article/view/1102>. Acesso em: 22 dez. 2022.

DE OLIVEIRA, M. de J.; DE CAMARGO SAMPAIO, J. C.; SILVA, O. A. Entre e para além da literatura: um estudo da noção ‘escrivivência’, de Conceição Evaristo. *Nau Literária*, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 166–194, 2021. DOI: 10.22456/1981-4526.110421. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/110421>. Acesso em: 13 fev. 2023.

DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (org.). *Escrivivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, 1ª edição. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza M. de Barros; SCHNEIDER, Liane (org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora*. João Pessoa: Ideia, Editora do CCTA, 2020.

FERRARO JÚNIOR, Vicente Giaccaglini. Desigualdades e Relações Socioeconômicas nas Cidades-Gêmeas da Fronteira Brasil-Bolívia. *Espaço Aberto*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p.117-135, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/article/view/30068>. Acesso em: 21 jan. 2023.

- FERREIRA, L. F. “Negritude”, “negridade”, “negricia”: história e sentidos de três conceitos viajantes. *Via Atlântica*, [S. l.], v. 1, n. 9, p. 163-184, 2006. DOI: 10.11606/va.v0i9.50048. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50048>. Acesso em: 22 dez. 2022.
- GARCIA, Lucilene Machado. Considerações sobre a fronteira Brasil/Bolívia em Mato Grosso do Sul. *Revista GeoPantanal UFMS/AGB*, Corumbá, N. 21, p.171-180, Jul./Dez. 2016.
- GOMES, N. L. Educação e Identidade Negra. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S. l.], v. 9, p. 38–47, 2002. DOI: 10.17851/2317-2096.9.38-47. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17912>. Acesso em: 12 jan. 2023.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Ed. DP&A: Rio de Janeiro, 2006.
- KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MATOS, Lobivar. Areôtorare/Sarobá. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras; UNEMAT, 2008 (v. 3).
- MUNANGA, K. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 06–14, 2012. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/246>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- PEREIRA, Rodrigo Da Rosa. Da negritude à literatura afro-brasileira: um olhar histórico-literário. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, XIII, 2013, Campina Grande. Anais. Campina Grande: Realize Editora, 2013. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/4551>>. Acesso em: 12 jan. 2023.
- PROENÇA FILHO, D. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*, [S. l.], v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9980>. Acesso em: 22 jan. 2023.
- REZENDE, Claudia Barcellos; MAGGIE, Yvonne (Org.). Raça como retórica: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira.

Tempo Social; Ver. Sociol. USP, S.Paulo, 5(1-2):31-52, 1993. Editado em nov. 1994.

SILVA, Rosangela Villa da; FERREIRA, Stael Moura da Paixão. A identidade fronteiriça Brasil-Bolívia: um estudo sobre linguagem na literatura de fronteira. Revista Multidisciplinar Acadêmica Vozes dos Vales, UFVJM, Minas Gerais, n. 04, Ano II. Out., 2013.